

A jornada do pesquisador: uma metáfora conceitual sobre a construção da trajetória de um líder

The researcher's journey: a conceptual metaphor about the construction of the trajectory of a leader

Janicy Pereira Rocha

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
Janicy.rocha@gmail.com

Cláudio Paixão Anastácio de Paula

Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
claudiopap@hotmail.com

Resumo

Através da utilização da leitura que Campbell faz da jornada do herói como uma metáfora conceitual, este artigo analisa a narrativa que um pesquisador faz da sua formação dentro de um grupo de pesquisa, da sua trajetória e do desenvolvimento de sua carreira. Essa análise é feita a partir da narrativa que ele construiu desse percurso em seu imaginário ao contá-lo sob a forma de uma jornada. O artigo busca, ainda, ilustrar como a representação que ele estabeleceu desse processo nos moldes dessa "jornada" o auxiliou na construção das bases que o tornaram reconhecido como o líder e mentor desse grupo e o auxiliaram a converter esse grupo em um espaço de referência na produção de conhecimento dentro e fora da instituição a qual ele se vincula.

Abstract

Through the use of Campbell's perspective regarding the hero's journey as a conceptual metaphor, this article analyzes a researcher's narrative of his background, his trajectory, and the development of his career within a research group. This analysis is made from the narrative that he developed regarding this path in his imaginary when speaking about his trajectory in the form of a journey. The article also seeks to illustrate how the representation he established of this process in the form of a "journey" helped him to build the bases that made him recognized as the leader and mentor of this group and helped him convert this group into a reference space in knowledge production inside and outside the institution to which he is linked.

Palavras-chave: Produção do conhecimento; **Keywords:** *Knowledge production; leadership; liderança; grupos de pesquisa; jornada do herói; research groups; hero's Journey; imaginary. imaginário.*

1. Introdução

O presente estudo – parte de um estudo maior que pretende explorar a inter-relação entre práticas informacionais de pesquisadores e a gestão do conhecimento em um grupo de pesquisa de biologia celular e molecular inserido em uma instituição de ciência e tecnologia em saúde de ponta – apresenta um recorte de dados recolhidos que reforça a percepção de que o ambiente científico se constitui um campo fértil para os estudos sobre gestão do conhecimento.

Se, no ambiente científico acontece um intenso fluxo de conhecimento por meio das fases de criação, preservação, compartilhamento e aplicação do conhecimento – atividades componentes do processo de gestão do conhecimento – tem-se que esse processo é permeado pela constante interação entre os pesquisadores / sujeitos informacionais que, manuseando artefatos, utilizam informações e conhecimentos anteriores como insumos para a produção de conhecimento em suas pesquisas.

Poucos estudos nesse campo se focam nas interações entre os componentes humanos cujas práticas permeiam os fluxos de informação e conhecimento dentro de determinado contexto. Embora alguns estudos sobre gestão do conhecimento abordem o comportamento informacional dos indivíduos, poucos desses estudos voltam-se para a interferência das ações ou da figura do líder nesse processo. Este artigo, ao ressaltar a importância da compreensão da significação da figura do pesquisador-líder no processo de construção da identidade e, posteriormente, da troca de informações e da construção de conhecimentos no grupo de pesquisa estudado, configura-se como uma tentativa de preencher essa lacuna.

Atividades de pesquisa e a consequente produção de informação e conhecimento científicos são centrais para o avanço de quaisquer áreas do conhecimento, assim como para a construção da carreira de docentes e pesquisadores. Não raro, essas atividades também despertam o interesse de pesquisadores como objetos de seus estudos. Considerar integrantes da comunidade acadêmica e os laboratórios ou grupos de pesquisa como

unidades de análise em estudos sobre a prática científica é comum nos denominados “estudos de laboratório”, que tem como precursores autores como Kuhn (1962), Bourdieu (1975), Latour e Woolgar (1979), Knorr-Cetina (1981) e Lynch (1985). De forma geral, estudos desenvolvidos sobre essa temática pelos autores supracitados centram-se no caráter colaborativo do fazer científico: nas interações sociais entre pesquisadores, por meio das quais conflitos e atitudes cooperativas emergem e determinam a dinâmica dessas relações.

Contemporaneamente, esse interesse de investigação perdura; sendo influenciado pelo avanço das novas tecnologias e, sobretudo, pelo advento da internet e pelo incremento constante da mobilidade e conectividade, o que facilita a interação, independentemente da proximidade física entre os pares. A diversidade de recursos tecnológicos, sobretudo das ferramentas de comunicação e de produção colaborativa, permite a interação entre pessoas com diferentes localizações geográficas e a coordenação de suas atividades, assim como a busca e a localização quase instantânea de informações oriundas de diversas fontes.

Há, ainda, outra vertente de estudos, cujo foco se volta para a influência da história de vida e dos percursos formativos e profissionais de pesquisadores em suas próprias atividades, bem como na formação e na atuação de seus pares, a exemplo das pesquisas de Huberman (1992) e Betti e Mizukami (1997). Da mesma forma, outros estudos são direcionados à influência da história de vida dos pesquisadores em suas construções identitárias, bem como à narrativa autobiográfica como instrumento de preservação da memória, como aqueles desenvolvidos por Santos (2012) e Rego (2014). Em geral, tais pesquisas se voltam em maior número para a prática docente, sendo desenvolvidas, sobretudo, na área da educação.

É nessa segunda vertente de estudos que o presente trabalho se enquadra. Entretanto, seu foco não é direcionado ao percurso docente, mas ao percurso de um pesquisador. As reflexões aqui apresentadas referem-se à trajetória de um pesquisador da área de Ciências da Saúde, narrada de forma autobiográfica. Delineia-se, portanto, um eixo referencial para a análise dessa trajetória que seguirá o caminho convencional para a formação de um pesquisador e que, posteriormente, será cotejado por outras leituras que privilegiarão uma possível trajetória estruturadora da subjetividade desse pesquisador pela via do imaginário.

Parte-se do pressuposto que a formação de um pesquisador tem início ainda na graduação, quando o então aluno tem a oportunidade de refletir sobre seu campo de atuação profissional

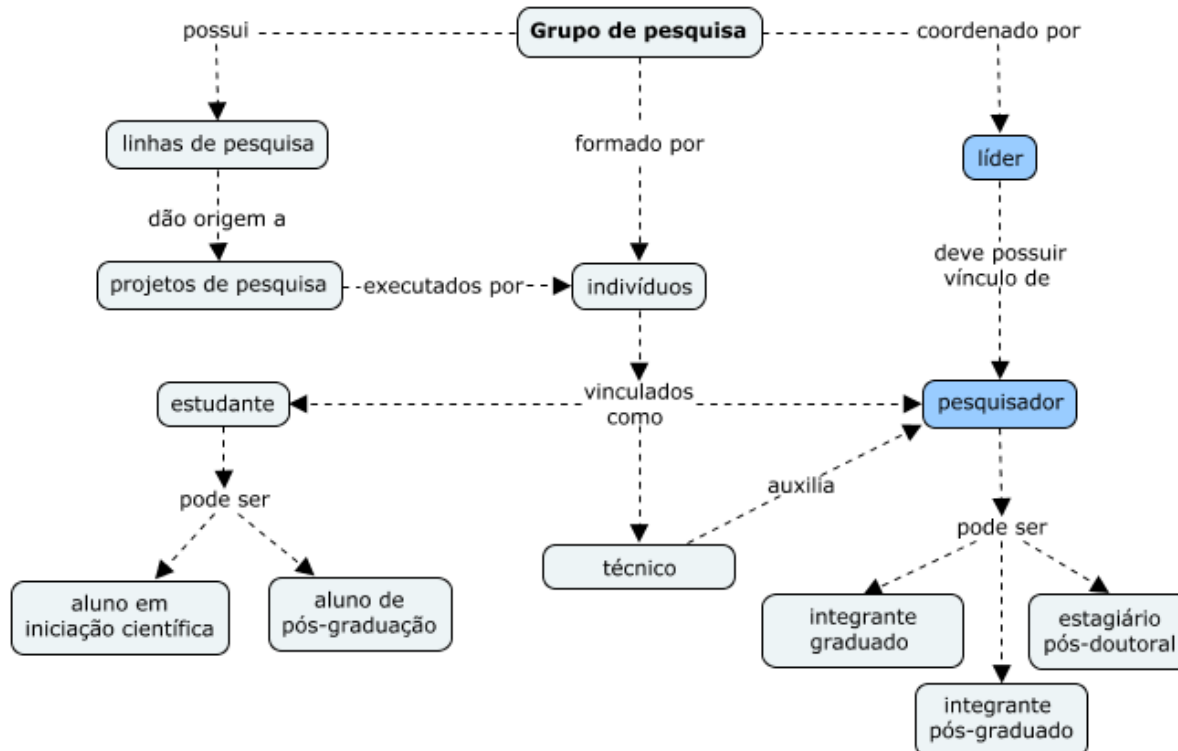
e as possibilidades dele derivadas. É nessa ocasião que muitos alunos se envolvem em projetos e grupos de pesquisa e desenvolvem habilidades necessárias a um pesquisador. Durante a pós-graduação *stricto sensu*, o estudante aprimora essas habilidades e vivencia os desafios cotidianos da atividade de pesquisa. Todavia, a formação de um pesquisador não se completa com a conclusão do doutorado; ela é contínua e demanda atualização constante, o que pode ocorrer ao longo do pós-doutorado e durante toda a trajetória profissional.

Mello (2017) defende que a formação de um cientista pode ser descrita a partir da adaptação da Jornada do Herói, proposta por Joseph Campbell em 1949, por meio de três atos, a saber: (i) formação: inclui o ensino básico e a graduação; (ii) transformação: inclui o mestrado e o doutorado; (iii) estabelecimento: inclui o pós-doutorado e a conquista da estabilidade profissional. De forma complementar à de Mello (2017), o que se propõe aqui é ampliar e aprofundar sua leitura a partir da análise da narrativa autobiográfica do sujeito dessa pesquisa – um pesquisador que já percorreu os três referidos atos, e segue sua jornada, conforme o pressuposto de que não há finitude na formação de um pesquisador.

Assim, esse trabalho tem como objetivo descrever e analisar o percurso de um pesquisador titular do Centro de Pesquisas René Rachou – unidade da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), uma instituição de pesquisa brasileira, localizada em Belo Horizonte – e verificar quais pontos de sua trajetória podem apresentar significações importantes para sua atuação profissional, enquanto líder de grupo de pesquisa e formador de outros pesquisadores. Para tanto, propõe-se que a análise de sua narrativa aconteça a partir da concepção, elaborada por Joseph Campbell, da existência de um “monomito” – composto por elementos intercambiáveis, mas que seguiriam uma lógica particular – subjacente a todas as narrativas (CAMPBELL, 1988).

2. Inovação: da ciência à imaginação criadora

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência criada em 1951 e atualmente vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) coordena o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), no qual são disponibilizados diversos dados sobre a atividade científico-tecnológica brasileira. O DGP possui um glossário com definições para os principais termos relacionados às atividades científico-tecnológicas. Na Figura 1 é apresentado um mapa conceitual de tais termos, bem como das relações entre eles.

Figura 1 - Mapa conceitual: grupo de pesquisa e termos correlatos

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de CNPq (2017)

O escopo desse trabalho está restrito ao pesquisador-líder do grupo de pesquisa, assim definido pelo glossário do DGP:

O pesquisador líder de grupo é o personagem que detém a liderança acadêmica e intelectual no seu ambiente de pesquisa. Normalmente, tem a responsabilidade de coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo. Sua função aglutina os esforços dos demais pesquisadores e aponta horizontes e novas áreas de atuação dos trabalhos. (CNPq, 2017, *online*).

Maculan e Soares (2000) afirmam que os grupos de pesquisa são formados por equipes multidisciplinares compostas por professores e alunos, escolhidos por interesses em comum e competências pessoais. Os autores afirmam ainda que ambos os vínculos partilham de objetivos relacionados a linhas de pesquisa e se organizam hierarquicamente em torno do líder. Já o glossário do DGP aponta que um grupo de pesquisa pode conter indivíduos com três diferentes vínculos, a saber: (i) estudante, (ii) técnico e (iii) pesquisador.

O pesquisador-líder consiste em uma figura fundamental para um grupo de pesquisa já que é ele quem “detém a liderança acadêmica e intelectual naquele ambiente de pesquisa” (OSINSKI; ROMAN; ERDMANN, 2015). Assim, ao exercer suas funções, o pesquisador-líder direciona seus esforços ao planejamento e à gestão dos trabalhos do grupo, de forma que o

conhecimento científico seja gerado e divulgado adequadamente, mas também desenvolve um vínculo para além da liderança com os demais integrantes do grupo de pesquisa. Autores como Saviani (2002) e Nóbrega-Therrien e Andrade (2009) defendem que o pesquisador-líder tem papel fundamental na produção do conhecimento do grupo de pesquisa, tanto em termos epistemológicos e metodológicos, quanto emocionais.

O pesquisador-líder de um grupo de pesquisa acaba atuando como um “super orientador” acadêmico em relação aos integrantes do seu grupo e, dessa forma, assume o potencial de tornar-se facilitador em processos formais e informais que promovam a gestão do conhecimento como um valor essencial para a transferência e produção de conhecimento tanto na pesquisa, como na educação para a pesquisa. Será, segundo Leite (2006), nessa prática interativa que conhecimentos tácitos e explícitos irão se associar para a criação de novos conhecimentos. É exatamente nesse processo que o peso do substrato emocional se fará sentir.

Se considerada a emocionalidade envolvida na narrativa por ele invocada e na sua própria figura enquanto agente, a atuação do pesquisador-líder como esse “super orientador” tem potencial para estender o compartilhamento do conhecimento no ambiente acadêmico para além do ciclo dinâmico do conhecimento descrito por Stewart (1998) de maneira bastante simplificada a partir do encadeamento: identificação do conhecimento tácito, explicitação, formalização, captura e, finalmente, promoção desse conteúdo na direção da produção de um novo conhecimento tácito.

O vínculo emocional que se estabelece entre orientadores e estudantes (QUEIROZ, 2014) propicia uma interação fértil que alimenta o tecido imaginário com a instituição e que, conseqüentemente, irá formar a identidade desses estudantes. Esse raciocínio pode ser extrapolado ao se conceber a descrição do papel do pesquisador-líder como um orientador superlativo e o seu grupo de pesquisa como uma instituição – no sentido de uma coletividade instituída (LAPASSADE, 1977).

É pela via emocional que o líder do grupo de pesquisa cria as pontes simbólicas que permitem que o conhecimento produzido a partir de esforços – ora individuais, ora coletivos – despendidos no percurso da pesquisa científica possa ser compartilhado e formalizado sob a forma de patentes, procedimentos, inovações técnicas, teses, dissertações, artigos e outros

potenciais produtos da empreitada acadêmico-científica. Do mesmo modo, não seria temerário propor que o pesquisador-líder, em sua condição de “super orientador”, possa promover o aprofundamento da relação dos integrantes do grupo com essa instituição e (retomando QUEIROZ, 2014) intervir, pela via da identificação afetiva, na formação deles atuando como um modelo exemplar de conduta.

Como um grupo de pesquisa agrega pessoas com diferentes níveis de formação, “a pesquisa transforma-se num ato educativo” (KRAHL et al., 2009, p. 4), em um espaço com cultura própria, onde fatos reais são identificados, compartilhados e analisados sob diferentes perspectivas. Considerando a atividade de pesquisa em Ciências da Saúde, pode-se afirmar que ela, não raro, decorre de uma necessidade assistencial: a investigação voltada para a resolução de problemas sociais.

Nesses ambientes, o pesquisador-líder geralmente figura como uma referência para seus pares. Assim, considera-se aqui que sua trajetória pessoal e intelectual pode orientar o curso de suas ações e seu estilo de liderança, bem como ser considerada inspiradora para pesquisadores em formação. Todavia, essa trajetória, ainda que bem sucedida, não raro é marcada por desafios e obstáculos que, superados, enriquecem a jornada do pesquisador.

A história pessoal do líder do grupo, se tomada como uma narrativa paradigmática que descreva a origem do grupo, seu estado passado, sua forma original, as transformações pelas quais o grupo passou, sua cosmovisão, seu senso de propósito e sua visão de futuro encerra a potencialidade de conduzir o integrante do grupo a se envolver não somente simbólica e afetivamente com a história do grupo. Ao conhecer essa história e identificar-se como partícipe dela, esse integrante torna-se capaz de desenvolver, com base nessa identificação, um conhecimento sensível sobre o trabalho já realizado. Ao mergulhar no drama do grupo, essa narrativa torna-se capaz de instilar valores, senso de propósito e intencionalidade na ação do integrante. Desse modo o apelo imaginário da narrativa, fazendo eco a Bachelard (1999), pode conduzir o grupo a uma retomada imaginação criadora como um elemento complementar ao caráter prático da realidade – neste caso, do ofício de pesquisar.

3. Viver (e pesquisar?) nesse mundo: uma metáfora sobre o sentido da existência

Campbell (1988) – em sua obra “O herói de mil faces”, publicada originalmente em 1949 – propôs a existência de um fio narrativo inconsciente comum que atravessa mitos, lendas, contos populares e narrativas presente em todas as épocas e culturas e disperso por todas as regiões do mundo. O autor, em obras mais recentes (CAMPBELL, 1993), deixa claro que esses temas servem como uma metáfora para a experiência humana e podem ser reconhecidos em várias expressões da cultura contemporânea. Nesse sentido, esta reflexão parte da premissa de que metáforas conceituais baseadas na obra de Campbell (1988) podem ser usadas para compreender as formas como os indivíduos atribuem sentido à sua experiência histórica através da estruturação de compreensões sobre seu ciclo vital na forma de narrativas. Por outro lado, propõe-se que a tomada de posse dessas mesmas narrativas, ainda que feita de forma inconsciente, pode configurar-se num veículo de identificação, convertendo o protagonista num modelo exemplar estruturador das experiências dos outros. Esse modelo, mais próximo, mais pessoal, mais acessível e mais significativo permitiria que os indivíduos, ao interagirem com ele, o reproduzissem reinterpretado em sua própria perspectiva para reformular e tomar posse dos desafios que se apresentam, integrando-os, pedagogicamente, à sua experiência pessoal.

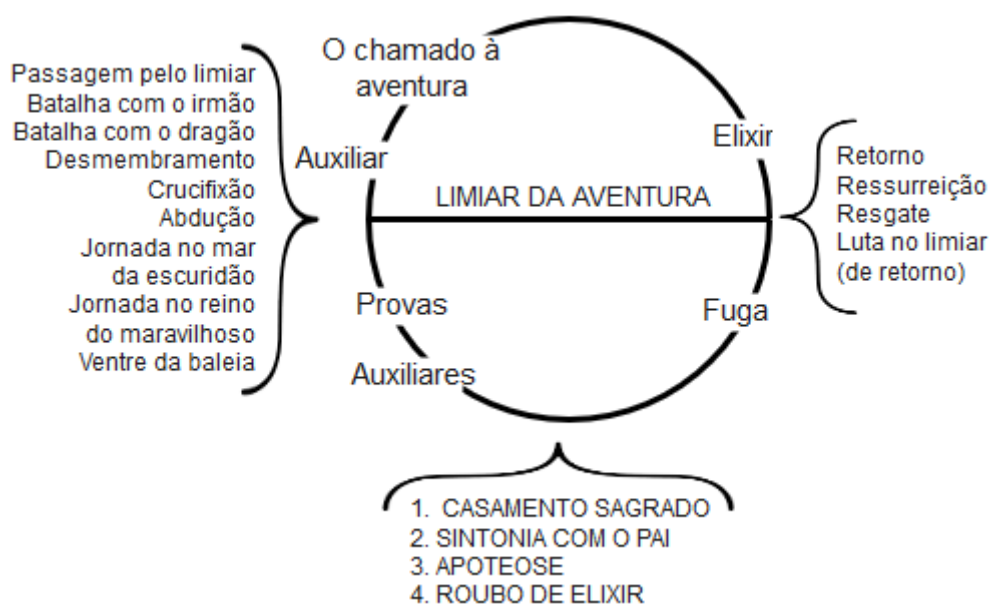
O folclorista e acadêmico estruturalista russo Vladimir Propp (1992) foi o pioneiro no estabelecimento de uma morfologia que se tornou essencial ao desenvolvimento da perspectiva elaborada por Campbell sobre o herói. Sua obra foi publicada originalmente em 1928. Ao analisar os componentes básicos do enredo dos contos populares do seu país natal em busca da identificação dos seus elementos narrativos elementares, o autor demonstrou que as narrativas folclóricas se estruturam em torno de um núcleo simples: a história de um herói que é exposto a um dano ou uma carência e se envolve numa tentativa de reparação desse dano ou de superação dessa carência.

Propp (1992) foi levado às suas categorias pela percepção de que as partes elementares que constituíam a história poderiam ser transportadas para outra história sem que essa sofresse alterações. Ele chamou isso de permutabilidade. O autor percebeu que esse era o *locus* essencial da intervenção do substrato mitológico. Propp (1992) identificou, assim, sete classes

de personagens ou agentes, seis estágios de evolução da narrativa e trinta e uma funções narrativas das situações dramáticas (que evoluíam desde o “distanciamento do lar” e da “proibição da partida”, passando pela “transgressão da proibição”, até o “confronto com o vilão”, seu “reconhecimento” e “transfiguração”), estruturados em uma sequência flexível.

Foi exatamente a partir do modelo proposto por Propp – no ano de 1928 - que Campbell (1988) propôs, em 1959, o conceito de “monomito” e o descreveu como um conceito elementar e transcultural em torno do qual os mitos se estruturavam. Campbell (1988) resume a jornada do herói (ou “monomito”) em um diagrama simplificado (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**). O que se propõe é que esse trabalho de Campbell seja adotado para analisar as matrizes que figuram nas falas e narrativas de sujeitos de pesquisa, tal qual em outros estudos (ARAÚJO, 2013; SÁ, 2015) foi adotada a arquetipologia de Gilbert Durand (1997).

Figura 2 - Etapas da jornada do herói



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Campbell (1988)

O cenário proposto para o monomito por Campbell (1988) é que o contínuo sem divisões que compõe a vida humana encontre etapas simbólicas suficientes para convertê-la numa narrativa que se componha entre os dois paradigmas absolutos que a limitam – o nascimento e a morte – e seja organizado a partir de modelos narrativos menores e naturais à experiência humana como a “jornada”. Segundo o autor, as viagens, por terem um começo e um fim, já eram, enquanto um evento concreto, uma história antes que as histórias surgissem: sua estrutura já era, essencialmente, narrativa.

Para o autor, as viagens sempre foram uma metáfora para qualquer história e, portanto, ele adota o modelo de viagem a partir de uma base na mitologia comparada para propor a existência de uma matriz mítica básica subjacente a muitos dos mitos nas sociedades tradicionais e até modernas. A base do “monomito” seria – de forma muito semelhante ao proposto por Propp (1992), quando este fala da busca por uma reparação ou a superação de uma carência – um herói dedicado à busca de um objeto (a busca inicial) e então, testado por uma série de provações ou estágios, desde sua casa no mundo ordinário até a “terra dos mistérios” (ou o mundo “extraordinário”).

Ao longo da jornada do herói, Campbell assinala uma série de funções semelhantes às de Propp como, por exemplo: a dupla paternidade do herói e o seu segundo nascimento, a recusa do chamado, a iniciação, a colaboração de ajudantes, as armadilhas tramadas por adversários, o confronto com o guardião do limiar ou do portal, o teste final, a compensação, o abandono dos instrumentos de poder e o retorno. A jornada do herói, como Campbell a chamou, é também um caminho de autodescoberta que se conclui quando o herói se confronta com uma divindade, poder ou ordem superior. Nesse desenho, o buscador e o encontrado podem ser entendidos como o lado de fora e o lado de dentro de um único mistério auto espelhado. A grande conquista do herói é tomar conhecimento da unidade na multiplicidade e conquistá-la. Assim, a metáfora da jornada se torna uma estratégia para dominar a provisão do tempo que devora tudo antes dele e exorciza a morte.

Vogler (2002), ao discorrer sobre narrativas literárias, sugere que, apesar de, ocasionalmente, ocorrerem simplificações excessivas e dogmáticas, contar histórias não é apenas uma reedição de um fato, mas, ao contrário, uma poética que, na sua formulação ideal, remeteria a padrões para ordenar o mundo a partir de modelos ideais que estariam disponíveis ao narrador. O que se postula, aqui, é que esse exercício não seria privativo de escritores e “narradores profissionais”, mas que estariam ao alcance de todos os sujeitos envolvidos em uma luta com o significado de suas próprias experiências.

É a exploração de uma situação vital, da sua própria história e o confronto com o mistério da existência que leva o narrador a confrontar-se com uma tentativa de representar a si e ao seu percurso em relação ao mundo. Para clarificar a noção representação, o autor recorre à iconografia das cartas de tarô:

A progressão das imagens no pacote de tarô mostra claramente a evolução que ocorre no herói até chegar ao grau de mentor. Um herói começa como um tolo e em vários estágios da aventura ascende às fileiras de mágico, guerreiro, mensageiro, conquistador, ladrão-amante, governador, eremita e assim por diante. Finalmente, o herói se torna hierofante, milagreiro, mentor e guia para os outros (VOGLER, 2002, p. 156-157).

Dessa forma, as imagens impressas nas cartas de tarô podem ser ordenadas em múltiplas formas: ser justapostas, ligadas e modificadas para criar uma matriz mitológica articulada. Essa matriz será constelada em uma narrativa que seguirá um idioma lógico, cujo alfabeto serão os símbolos, e que, através do mundo das imagens, terá como gramática a regência de um princípio associativo que os organizará. Talvez essa seja a maior contribuição de estudos como os de Propp (1992) e Campbell (1988): oferecer recursos que permitam a um “leitor” atento perceber como as narrativas conseguem eliminar a distância entre as duas formas de pensamento: simbólico e o lógico.

Seguindo pela via do imaginário, um novo entendimento necessário para a vida humana é proposto. A retomada dos sonhos e dos desejos como complementaridade à racionalidade do mundo e até, no caso estudado, de algo que a formação científica do protagonista não alcança: “a conquista do supérfluo produz uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (BACHELARD, 1999, p. 25).

Nos termos da presente análise, o monomito e o símbolo são tomados como mediações dinâmicas entre o personagem e o mundo, permitindo recuperar e narrar a trajetória desse sujeito em seu esforço de organizar o tempo vivido e estabelecer limites que o permitissem, a partir do desejo, descrever e compreender a sua estrada.

4. Métodos

Benjamin (1994) ressalta o caráter comunicacional da narrativa, contrapondo a finitude de determinado acontecimento à infinitude de sua narrativa. Para o referido autor “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites porque é apenas uma chave para tudo o que veio depois. (BENJAMIN, 1994, p. 37)”. Narrativas, geralmente, possuem um caráter subjetivo; são relatos de experiências pessoais por meio dos quais trajetórias são rememoradas.

Conforme defende Todorov (1979) uma narrativa ideal tem origem na perturbação de uma situação estável por uma força qualquer. O desequilíbrio resultante sofre a ação de uma força em sentido inverso que, em algum momento, restabelece o equilíbrio, todavia "o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos." (TODOROV, 1979, p. 138).

A narrativa, como metodologia de pesquisa, tem se solidificado em várias áreas do conhecimento, inclusive nas Ciências Sociais. Referências a essa forma de investigação científica podem ser identificadas em pesquisas realizadas na Linguística, Literatura, Psicologia, Antropologia, Comunicação, Ciência da Informação e outras. A pesquisa narrativa, de forma geral, "pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno." (PAIVA, 2008, *online*).

Nesse trabalho, a opção por adotar a narrativa da trajetória pessoal de um pesquisador encontra suporte na afirmativa de Flick (2009), para quem as questões de pesquisa, frequentemente, originam-se na biografia pessoal do pesquisador e em seu contexto social. Assim, defende-se que a trajetória de um pesquisador, iniciada ainda em sua formação discente, repercute na sua atuação e em sua interação com o grupo com o qual interage, bem como em seu estilo de liderança.

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2016, por meio de entrevista semi-estruturada em profundidade. A entrevista centrou-se no percurso acadêmico e profissional do pesquisador por meio da questão inicial "Conte-me sobre seu percurso acadêmico/profissional até chegar à liderança desse grupo", sendo gravada e transcrita em sua totalidade.

A análise dos dados coletados segue o referencial da jornada do herói (CAMPBELL, 1988). O diagrama apresentado na **Erro! A origem da referência não foi encontrada.**, com o aporte das leituras de Propp (1992) e Vogler (2002), é adotado como base para a análise da trajetória do pesquisador-narrador. Sobre essa utilização é importante destacar que:

As mudanças que permeiam a escala simples do monomito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo (o motivo do teste, o motivo da fuga [...]); outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples tal

como aconteceu na *Odisséia*). Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos (as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes. (CAMPBELL, 1988, p. 242)

A escolha dessa chave de análise se justifica por se considerar que ela poderia fazer frente à riqueza simbólica e imagética da narrativa do pesquisador. Essa narrativa, que faz juntar duas jornadas – a jornada interior rumo à sua própria formação e a sua jornada exterior rumo à conquista concreta e simbólica do seu espaço vital – encontra em Campbell, um interlocutor excelente. Conforme se pode perceber em Campbell (2007), a leitura rica que o autor faz dos substratos míticos que permeiam as realizações humanas percorre desde as lendas, os mitos, os ritos e as religiões, até o cinema, a arte e a própria ciência.

5. Análise de dados

No presente tópico, é apresentada a narrativa do pesquisador Olindo Assis Martins Filho¹, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B, sobre a sua formação e o histórico de constituição da sua relação com o Grupo Integrado de Pesquisa em Biomarcadores que atualmente lidera, desde seu ingresso no grupo até o momento da realização do estudo. Simultaneamente a essa apresentação, é feita uma análise de sua narrativa, tomando como crivo o roteiro desenvolvido por Joseph Campbell para descrever a jornada do herói.

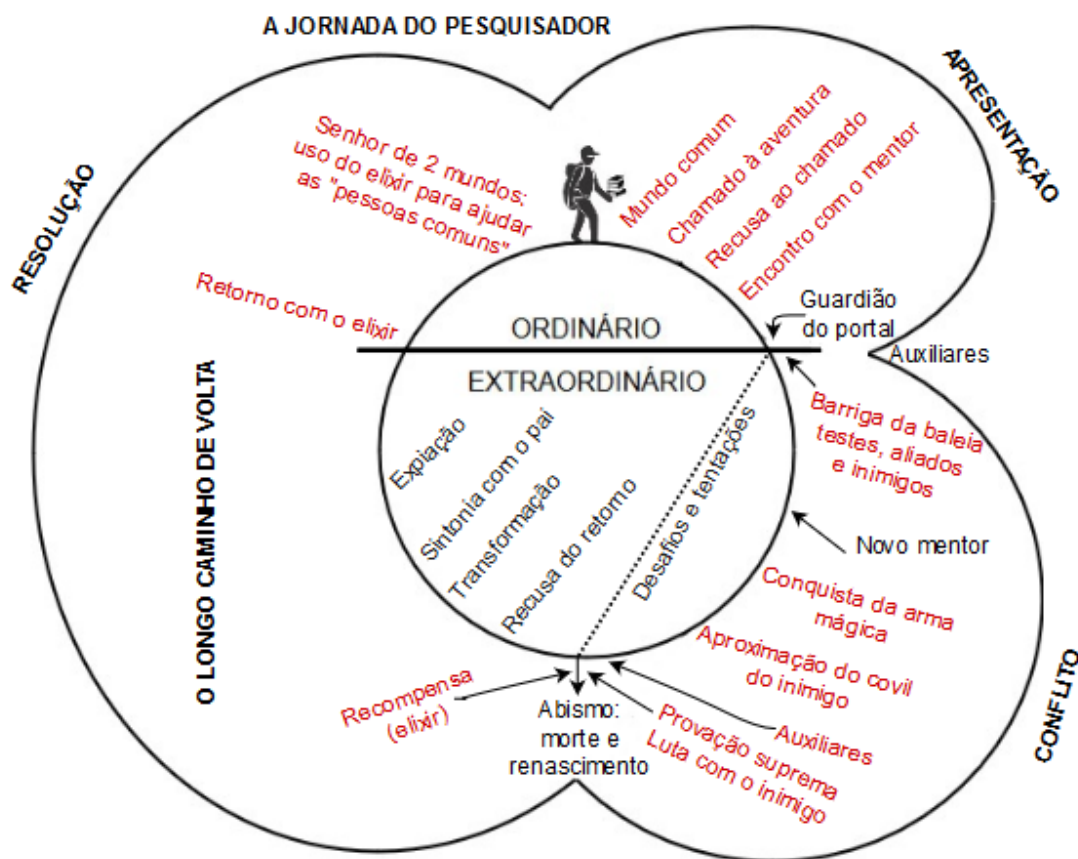
Durante a análise, buscar-se-á encontrar ilações entre o percurso convencional para a formação de um pesquisador e uma trajetória estruturadora da subjetividade desse pesquisador pela via do imaginário. Finalmente serão buscados indícios que possam sustentar a hipótese de que a narrativa sustentada pelo autor, se difundida no grupo, pode desencadear um duplo efeito: estabelecer conexões simbólicas facilitadoras da conversão de conhecimentos tácitos em explícitos e, simultaneamente, intervir, pela via da identificação afetiva, na formação novos pesquisadores e no desenvolvimento de uma relação afetiva desses com o grupo de pesquisa em questão.

Essa trajetória simbólica de conquista e ascensão do pesquisador a um lugar de reconhecimento e, conseqüentemente, ao conhecimento, e o seu posterior retorno como um formador de novos pesquisadores é representada na Figura 3. As etapas e elementos

¹ <http://lattes.cnpq.br/6260226537155026>

apresentados graficamente serão melhor apresentados nos parágrafos subsequentes, quando elementos delimitadores de etapas são entremeados à fala do próprio personagem.

Figura 3 - A jornada do Pesquisador



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Campbell (1988) e Vogler (2002)

Após a solicitação para que relatasse seu percurso acadêmico-profissional, o entrevistado pensou por um breve momento e, prontamente, iniciou o relato por aquilo que, possivelmente, consiste em um marco em sua trajetória: a conclusão de sua graduação e o ingresso imediato no mestrado. Tal escolha sugere que, em seu entendimento, esse momento marca o início de um novo ciclo.

Eu formei em Farmácia pela Universidade Federal de Ouro Preto, em 1989, e iniciei o meu Mestrado no Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG em 1990. Inicialmente, eu comecei um trabalho na área mais de bioquímica mesmo... de *Leishmania*, empregando uma técnica que o professor Marcos Mares Guia tinha desenvolvido no departamento de bioquímica, que era técnica inovadora na época, que era a técnica de microcalorimetria.

Nessa sequência inicial, o pesquisador-narrador apresenta a si mesmo como uma pessoa comum no mundo cotidiano da pós-graduação. Percebe-se, em seu relato, que o herói oscila

entre o mundo ordinário (e as suas preocupações rotineiras) e o sonho (desejo de aspirar novos ares e ir além das fronteiras): um estudante no início do mestrado em busca de uma temática de pesquisa inovadora. Todavia, logo veio a percepção de o sonho não se realizaria a partir dessa primeira oportunidade:

Depois de aproximadamente um ano envolvido no projeto, eu percebi que o projeto não estava caminhando, que eu estava assim... realmente me sentindo muito perdido... e que precisava tomar algum outro direcionamento. Procurei outros professores do departamento e acabei tendo contato com outras possibilidades. Trabalhei um pouco na parte de isoenzimas, que eu já tinha, na verdade, trabalhado durante a minha Iniciação Científica, [...], mas também percebi num tempo bem curto que aquilo ali também não era inovador.

Nessa busca por outras oportunidades, a realidade pareceu trabalhar contra a jornada, mantendo o protagonista dentro de uma esfera de conforto: retomar uma temática com a qual já havia trabalhado. A própria realidade parece agir aqui como um guardião do portal, uma situação capaz de manter o limite entre o mundo cotidiano e a aventura, impedindo o ingresso do personagem em sua jornada. É também nesse momento que o personagem percebe um confronto entre o chamado à aventura de se tornar pesquisador e a realidade e, já desgastado, considera recusar o chamado:

Aí, eu resolvi que eu ia desistir! Aí eu fui no departamento, justamente com o intuito de desistir mesmo, não estava vendo muitas possibilidades naquele sentido. E, na época, eu lembro que quando eu cheguei no departamento para fazer essa solicitação, a secretária do departamento falou comigo: “Nossa! Não faz isso não, porque você sempre se saiu muito bem aqui dentro... [...]. Porque você não vai no Renê Rachou? Está tendo um curso lá... e depois você decide... está tendo um curso lá, de interação parasito-hospedeiro, que talvez você possa ver alguma outra possibilidade.”

A intenção de recusa ao chamado, porém, é questionada por alguém que conhecia a capacidade do personagem, uma espécie de primeiro mentor que lhe oferece uma informação valiosa.

Um mentor é, grosso modo, um guia que se apresenta para auxiliar a consecução de uma tarefa. Essa designação do papel de conselheiro é inspirada em Mentor, personagem mitológico que administra os bens de Ulisses durante a guerra de Tróia. Ele serve como avatar da deusa Atena para atuar como um conselheiro de seu filho Telêmaco e colocá-lo em uma busca que culminará na sua salvação, mantendo-o longe dos pretendentes ao trono de seu pai, que tencionavam matá-lo (BRANDÃO, 1991). No caso do narrador-personagem, a

mentora que a ele se apresenta exerce função semelhante. O protagonista recebe seu conselho e, ao segui-lo, se depara com um novo caminho:

Eu vim, realmente, e aqui no curso eu conheci a Juçara Parra, que era pesquisadora aqui da Fiocruz e, conversando com ela e com os alunos... [...] ela me disse que tinha uma oportunidade, que eles tinham acabado de comprar... de ganhar, na verdade... um citômetro de fluxo, que tinha sido doado aqui para a Fiocruz por uma universidade dos Estados Unidos. Era um equipamento novo, só tinha dois no Brasil, um no Rio de Janeiro e esse que tinha chegado aqui. E eles realmente estavam precisando de pessoas para trabalhar com essa técnica. Então, eu comecei o meu trabalho... mudei de bioquímica para imunologia e concluí o meu mestrado em 1992.

Recordando a advertência de Campbell (1988) segundo a qual os elementos do ciclo podem se realinhar ao longo de cada narrativa e adquirir maior ou menor importância de acordo com o drama narrado, pode-se observar que o conselho do primeiro mentor permitiu ao pesquisador-narrador ir “além do limiar” e iniciar “uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas. Algumas dessas forças o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem ajuda mágica (auxiliares)” (CAMPBELL, 1988, p. 241-242) e, dessa forma, levaram-no ao encontro de uma possibilidade que o permitiu encerrar mais um ciclo de forma vitoriosa e logo iniciar outro.

E, quando foi 1993, eu entrei no doutorado lá no próprio Departamento de Bioquímica [da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG], com orientação do Rodrigo Correa de Oliveira. Logo no primeiro semestre apareceu uma oportunidade de fazer um estágio de um ano nos Estados Unidos... Essa oportunidade, na verdade, foi oferecida pelo Doutor Zigman Brener, que trabalhava aqui na área de Doença de Chagas. Até então, eu estava trabalhando no mestrado e a proposta de projeto de doutorado era com Esquistossomose. Eu achei que era uma oportunidade interessante, aceitei o convite do professor Zigman Brener, tranquei o doutorado por um ano e fui pra lá. Fiquei na Universidade de Johns Hopkins por um ano, foi uma experiência muito boa... Em 1994, eu voltei para cá e terminei o doutorado em 1997. Eu terminei o meu doutorado aqui no Renê Rachou, mas pelo departamento de bioquímica da UFMG e o Rodrigo foi meu orientador. Logo em seguida, eu tive a oportunidade de fazer um pós-doutorado com o professor Giovanni Gazzinelli, com bolsa da FAPEMIG para Jovens Doutores.

Essa dupla referência a Brener – pesquisador e seu predecessor na liderança do grupo de pesquisa que ele viria a assumir – indica que o personagem quis apresentá-lo como uma figura poderosa no imaginário coletivo e decisiva para essa parte de sua trajetória. Ainda que inconscientemente, é possível que o personagem o visse como uma figura que precisaria ser suplantada para que o grupo o autorizasse na liderança. Essa figura necessitaria ser, primeiro,

reconhecida, depois ser relativizada para, enfim, quando sua herança no imaginário do personagem fosse reduzida a proporções humanas, ser, por ele, integrada.

Essa relação remete à perspectiva de Samuels (2002), segundo a qual os líderes originalmente inspiradores, mas imaginariamente onipotentes, precisam passar, aos olhos de seus liderados, ao status de uma “liderança suficientemente boa”. Segundo o autor, “existem formas de liderança que tem o potencial de inspirar posturas de maior participação e cidadania nos indivíduos, essas formas são caracterizadas por despertar nos indivíduos a construção de representações não heróicas de liderança que possam inspirar emocional e psicologicamente as pessoas” (SAMUELS, 2002, p. 97). Para o autor é o desapontamento e a decepção com a queda de um líder do seu status de perfeição que introduz os seus na dura realidade da vida. Uma “humanização” do mito ou “des-heroicização” do líder obriga os indivíduos a assumirem uma postura ativa diante dos erros e os acertos que eles cometeram e, assim, se tornarem aptos a assumirem a sua própria atitude de criatividade e autonomia. Tendo executado esse movimento, esses indivíduos tem a potencialidade de se tornarem novos líderes, propagadores desse modelo humanizado, mas não menos inspirador, de liderança.

E assim, partindo do mundo ordinário; após haver experimentando o chamado e, posteriormente, o desejo de recusar o chamado à aventura, que é superado ao se deparar com uma espécie de primeiro mentor; o personagem atravessa o primeiro limiar. Como protagonista de sua trajetória, narra suas quedas, o encontro com aliados e auxiliares e a conclusão de mais um ciclo de sua trajetória. O personagem rememora o momento em que se reergue e começa a ser apresentado às regras desse novo mundo, no qual adentrou ao cruzar o portal:

Quando foi em 98... é... abriu a oportunidade de ter um concurso aqui na fundação. Então eu fui aprovado no concurso, mas eu fiquei em segundo lugar, e o concurso era uma vaga [...]. A segunda vaga,... ela depois... foi transformada para uma vaga para trabalhar no laboratório de Doenças de Chagas com o Doutor Zigman Brener, então eu acabei ingressando aqui, trabalhando no Laboratório de Doenças de Chagas.

Ao ser aprovado em um concurso e convocado para trabalhar com a figura poderosa e significativa para sua trajetória até então (e à qual já havia se referido antes), o protagonista atinge um ponto em que não mais há retorno.

Outra tessitura paralela se apresenta aqui (embora intrinsecamente ligada à ideia de um pai simbólico): a noção de um fundador que é, psicologicamente, um pai para o narrador/personagem. Esse fundador (Brenner) é, ao mesmo tempo, o pai que tem que ser superado e vencido:

Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado [...] pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) [...]; intrinsecamente trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). (CAMPBELL, 1988, p. 242)

A ideia de um fundador como pai de uma cultura e doador de uma identidade coletiva que desempenha o papel de modelo emblemático é evocado nos estudos do imaginário por Durand (1986). Este afirma, por exemplo, que a Eneida, poema épico de Virgílio, fecundou o imaginário poético da época de Augusto com a imagem da chegada do herói troiano Enéas e conferiu um caráter particular a identidade romana a partir daí. O autor compara essa imagem com vários outros personagens míticos como, por exemplo, José de Arimatéia – que traz o Graal do oriente para o ocidente, vinculando-se indelevelmente ao imaginário cristão no continente europeu. Como em tantos outros lugares, o grupo de pesquisa “não escapa, é claro, a esse arquétipo do ‘fundador vindo de fora’. Mas a origem exterior e transcendente é aqui consideravelmente acentuada” (DURAND, 1986, p. 12). O fundador do grupo é concreto – existiu e ainda se faz presente no imaginário das pessoas que puderam conviver com ele para adquirir, nas falas dos membros do grupo, ares de um personagem mitológico.

O fundador, Zigman Brenner, que veio de longe e estudou com grandes mestres (no Ginásio Público Mineiro, casa a que se atribuíam abrigar os melhores professores da cidade), tornou-se médico, cientista e um agente civilizatório. Seu obituário, redigido por Gazzinelli (2003), descreve o Professor Doutor Zigman Brenner como um dos maiores parasitologistas brasileiros, filho único de pais pobres de origem judia, que nasceu na cidade de São Paulo e transferiu-se para Belo Horizonte onde teve a sua formação, tornando-se um emérito professor e cientista que produziu notáveis descobertas no tratamento da Doença de Chagas. Essa jornada parece se configurar em uma espécie de consagração iniciática que traz para o local de chegada uma mensagem e impregna profundamente a psique e a cultura do grupo que ele criou. Nesses termos, para que alguém pudesse ocupar de fato o lugar de líder, esse alguém teria que enfrentar e superar ou, pelo menos, entrar em sintonia com essa figura poderosa.

A tarefa que aqui se configura e que acena como sendo a tarefa final da empreitada é, portanto, a do pesquisador-narrador superar o seu predecessor (CAMPBELL, 1988), humanizá-lo (SAMUELS, 2002), sintonizar-se com ele (CAMPBELL, 1988) e – convertendo-o em um modelo “suficientemente bom” – assumir, ele próprio, esse lugar de “líder suficientemente bom” (SAMUELS, 2002). A primeira grande prova enfrentada em sua jornada veio logo no início de sua inserção no grupo:

Tive algumas dificuldades, mais no início, mais assim... acho que mais por resistência da equipe que já existia aqui, por eu ser uma pessoa que começou aqui com mestrado, e agora eu estava entrando como pesquisador. Pensei em desistir, realmente.

É exatamente durante essa primeira prova, momento no qual enfrenta diversos testes, que o protagonista se depara com uma barreira que lhe parece intransponível o suficiente para fazê-lo desistir de sua jornada. “Cheguei até a elaborar uma carta pedindo ao diretor para sair do laboratório, porque estava realmente muito... muita pressão” – ele se recorda e, imediatamente, rememora o encontro com uma aliada, uma nova mentora de quem recebe conselhos e orientações:

[...] por orientação, aqui, de uma servidora, que... trabalhava com uma linha de desenvolvimento individual, ela me orientou... Na época, eu fiz um trabalho bom com ela, de acompanhamento individual, e eu me mantive no laboratório. E o que aconteceu com isso é que as pessoas parecem que começaram a perceber que... então... que eu não ia desistir, isso mudou o cenário todo, entendeu?

Esse novo fôlego equivale à conquista de um primeiro “artefato mágico” no modelo de Campbell (1988) e possibilita a sua vitória ante a crise inicial:

Assim, a secretária que estava com resistência comigo... ela pediu para mudar de setor [...]. O apoio técnico que também estava com restrições comigo, pediu aposentadoria e foi embora. O outro... servidor ficou comigo, que era o servidor de apoio técnico [...]. E tinha um pesquisador, que ele..., a gente não estava dando muito certo, e ele pediu para montar outro Laboratório. Então, na verdade, o que aconteceu comigo? No ano de 2000 eu me vi sozinho, né, numa instituição, com um apoio técnico, não tinha nenhum equipamento, não tinha espaço físico direito... Foi muito difícil!

Recorrendo de novo ao modelo de Campbell, acontece aqui o “mergulho no ventre da baleia”, quando novos testes a serem superados apresentam-se e se faz necessário encontrar aliados e enfrentar inimigos, de forma que o pesquisador-narrador possa vir a aprender as regras vigentes nesse mundo especial:

E eu comecei a pensar em parceria, sabe? Assim... alguém que pudesse me apoiar nesse processo, e a primeira oportunidade que eu tive, foi com a ... foi um convite que eu fiz para a Silvana Eloí. Ela é médica, professora da UFMG, ela já trabalhava aqui no Renê Rachou há muito tempo, mas na informalidade. Então eu a convidei para ser pesquisadora visitante no grupo que eu ia montar.

A chegada dessa nova auxiliar torna possível ao pesquisador-narrador seguir em frente e entrar em batalhas ainda maiores:

Aí eu montei o Grupo de Pesquisa em Doenças de Chagas, que eu chamei de Grupo Integrado de Doenças de Chagas, Leishmaniose e Infecções Virais, onde eu era o líder, ela era a vice líder... foi muito difícil... outros pesquisadores tinham uma resistência enorme. Pra você ter idéia, eu trabalhei aqui durante dez anos, como líder do grupo... sem ser reconhecido como líder do grupo.

Entremado a essas novas provações persiste, ainda, um desafio renitente:

Então, eu ainda era considerado vice do Doutor Zigman Brener, que já tinha falecido... na verdade, há mais de oito anos antes. [...] O Laboratório não tinha líder, eu era o vice-líder, vice-chefe na época, como era chamado.

Novamente o pai fundador que precisa ser superado/integrado é um obstáculo que, lentamente, vai tendo a sua condição alterada no imaginário do grupo. O pesquisador-narrador vai executando a aproximação de seu objetivo:

Mas aí, com questões políticas internas, tivemos outras situações semelhantes e acabaram que, por pressão de outros pesquisadores, eles viram que a diretoria tinha que nomear novos líderes. E eu acabei entrando nessa, e me nomearam como líder do laboratório... mas isso bem depois.

Consciente de que empreender essa tarefa sem auxílio seria impossível, faz-se necessário montar a sua equipe:

Então, no início, assim... o quê que eu fiz? Eu pensei: **“eu tenho que montar minha equipe!”**. Consegui dois alunos de Iniciação Científica [...], mas eles eram todos de outros laboratórios; eu era colaborador do trabalho deles [...]. Eu me lembro que era uma resistência tão grande que eu enfrentei, que tinha situações, assim, que eu ia fazer reunião com eles... chegou ao ponto de... dos chefes deles proibirem de eu fazer reunião com eles, sem a presença deles, porque estavam achando que eu estava assim, tipo passando por cima deles! Enfim, foi difícil, mas consegui... e no final das contas eu acabei, no ano de 2008... por aí, eu acabei tendo o laboratório reconhecido... eu como líder, e tal. (grifo nosso)

Esse esforço evoca uma das mais antigas aventuras do imaginário ocidental (e que se reproduz em muitas situações cotidianas mundo afora): a criação de uma equipe apta a lançar-se rumo à conquista de um objetivo complexo e desafiador. A mais emblemática narrativa de uma

empreitada semelhante aparece na mitologia. Segundo Brandão (1991), o herói grego Jasão, numa tentativa de recuperar o trono que lhe havia sido usurpado, e que por direito sanguíneo lhe pertencia, lançou-se na busca de uma relíquia sagrada “O Velocino de Ouro”. Para que sua conquista fosse bem sucedida o herói fez um arauto convocar príncipes e heróis de toda a Grécia para a “magna empresa”. Assim Jasão foi capaz de reunir em torno de 50 paladinos para tripularem o seu navio: o Argo – donde deriva o nome dos expedicionários: os Argonautas. Entre esses aventureiros extraordinários estariam Orfeu, os gêmeos Castor e Pólux e o próprio Hércules.

De forma semelhante, com o auxílio desses novos aliados, o protagonista enfrenta um novo ciclo de testes, conquista de aliados e enfrentamento de inimigos. Nesse exercício, novas regras do mundo especial são aprendidas:

Para montar o laboratório, eu contei com muito com material aqui de descarte, sabe? [...] “Ah, tem essa mesa aqui que eu não quero... que eu comprei outra nova... manda para os inservíveis”. Periodicamente eu ia nesses inservíveis e encontrava assim... geladeira, *frezzer*, centrífuga... e eu acabei montando o laboratório dessa forma. Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando porque esses servidores, né... [cita um colaborador] já era servidor, ele pediu para transferir para o laboratório para trabalhar comigo, porque ele não estava satisfeito onde ele estava. Com o passar do tempo, teve novos concursos [...]. Então, assim, foi uma caminhada difícil. Várias vezes eu tinha realmente vontade de desistir, porque era muita pressão, desânimo, falta de apoio institucional, sabe? Mas eu acho que o que me fortalecia eram as parcerias que eu fazia com as pessoas.

Outra sequência de testes, aliados e inimigos se apresenta ao grupo recém montado e, como consequência disso, as regras do mundo especial são ainda melhor entendidas permitindo, inclusive, a conquista de novos artefatos “mágicos”.

Eu comecei a fazer parcerias fora daqui, sabe? [...] E essas parcerias me fortaleciam... eu via que eu estava no caminho bom. Aí, com o tempo foi crescendo. [...] E eu lembro quando nós passamos pelo primeiro credenciamento, uma das críticas que a gente teve é que o Laboratório tinha muita Iniciação Científica, pouco mestrado, pouco doutorado e nenhum pós-doc. Quer dizer, isso era inevitável pela situação que a gente vivia, não tínhamos bolsa de mestrado, doutorado e de pós-doutorado. [...] E eu comecei a focar nesse sentido, [...] buscar o apoio mesmo, de mais pós-doc, para a gente ter um laboratório com uma estrutura mais sólida, eu acho. Porque o aluno de Iniciação Científica, ele é muito bom... ele vai se formar ao longo desse período, mas para a equipe funcionar de uma forma, assim [...] mais estruturada, mais dinâmica... eu acho que realmente tem que ter os vários níveis de formação. E o pós-doc... ele acaba auxiliando pela experiência que já tem, pela capacidade de liderança que já tem... e a gente poder delegar funções para eles, eu acho que compartilha as responsabilidades do grupo.

Nesse novo ciclo, o grupo enfrenta novos testes, encontro de novos aliados e enfrentamento de novas provações. Em decorrência disso, o pesquisador-narrador aprende ainda mais regras do mundo especial e conquista novos e fundamentais artefatos “mágicos”: as bolsas de pós-doc. Assim, aproxima-se o momento em que, após a grande provação, a já anunciada etapa final de sua jornada (a sintonia com o pai/líder fundador) se prenuncia: se aproxima o momento do pesquisador-narrador ocupar seu lugar de direito e, desse modo, empreender a volta simbólica para casa. A volta ao mundo comum, como o senhor de dois mundos: **a apoteose e a grande conquista** nas palavras de Campbell (1988).

O “herói” com a sua “consciência expandida” ou, metaforicamente, “iluminado” ou “liberto” deve retornar trazendo consigo a “benção que foi buscar”. “O trabalho final é o do retorno. [...] No limiar do retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A benção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir)” (CAMPBELL, 1988, p. 242)

Iniciação Científica e pós-doc são os dois pólos, né? Eu acho que é importante para uma equipe... esse pelo menos era o meu sonho... mas [...] pelo menos aqui, nesse mundinho onde eu vivo, eu tenho sentido que isso, talvez, tá se deteriorando. A minha idéia era que a gente deveria ter uma Iniciação Científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado e os pesquisadores, já seniores do grupo. [...] Na minha cabeça, isso funcionava como... igual uma estrutura familiar, onde você tem os pais... responsáveis... os filhos mais velhos, os mais novos e os mais novinhos, entendeu? Onde aquele circuito de interações iria propiciar a formação de todos, sabe? [...] Porque, pra mim, o conhecimento... ele teria aqui uma difusão, sabe? O pequeno aprendia com mais velho, que aprendia com do meio... o do meio aprendia com o mais novo... [...], mas o mundo não tá assim mais, sabe? [...] Então, eu me desgastava demais, intermediando pessoas. [...] Eu fiz isso durante muito tempo, isso mais no início da minha carreira, sabe? Quando eu estava [...] muito próximo dos meus alunos de Iniciação Científica, de mestrado e doutorado... não tinha muito pós-doc e eu procurava fazer esse exercício. Isso me desgastava tanto! Mas era muito mesmo, sabe? Muito desgastante! Acho que foi bom, acho que contribuí pra formação de pessoas com essa ideia da integração. Eu vejo como que eles atuam profissionalmente hoje e acho que isso foi importante. A partir do momento que o Laboratório tomou essa outra dimensão, maior, eu acho que eu... primeiro eu tive que deixar de fazer isso porque eu não tinha tempo mais... eu tive que delegar funções. Achei que o grupo perdeu esse caráter integrado, sabe? É... vejo que existe uma certa integração, sabe? Ainda assim, até superior àquela encontrada em outros grupos, sabe? Mas não é a que eu queria que tivesse, sabe? E acho que o grupo tem hoje... fragmentos que estão colocados juntos!

Diluída em todo esse trecho, há uma luta interna entre dois modelos de grupo, na visão do pesquisador-narrador: o modelo tradicional – representado pelo seu predecessor – e um novo modelo que ele aspira, mas que por ser desafiador, exige dele boa dose de desprendimento;

exige reinventar-se. Um primeiro modelo onde ele exerce o controle e um segundo modelo em que ele o delega. Parece haver aqui uma espécie de recusa de retorno ao mundo comum – uma recusa em deixar para trás as forças transcendentais. O pesquisador-narrador parece procurar uma síntese que o permita ocupar o lugar de “pai” em um novo modelo, diferente daquele de Brener – um líder “suficientemente bom” (SAMUELS, 2002).

Eu trabalho muito assim... aqui dentro, como uma estruturação meio familiar, sabe? [...] você tem a estrutura parental, filial e depois a próxima geração. Você, enquanto está só nessa aqui, você tem controle, você tem domínio, você dá todas as diretrizes, comanda tudo. Quando passa a ser a sua segunda geração, depois a terceira geração... que é o que já acontece... eu não posso intervir na forma de atuação de uma pessoa que eu formei ou de uma pessoa que está aqui comigo [...] eu, hierarquicamente, estou responsável por ele, mas ele tem a sua própria raiz agora; os seus próprios galhos, vamos dizer assim. E o outro também tem os dele. [...] A ramificação tomou uma magnitude tão grande, que às vezes nem eles têm condição! [...] O tempo inteiro a minha luta tá sendo assim, para mostrar para as pessoas que existe uma metodologia científica. E a metodologia... ela tem que ser padrão. O que acontece é isso! É igualzinho a vida, sabe?... social... é a mesma coisa!

Ao longo desse trecho fica claro o movimento rumo à superação/reencontro com o pai. Parece evidenciar-se uma tendência de migração do modelo tradicional de relação, anteriormente citado, para o segundo modelo “bom o bastante”: a sintonia com o pai (CAMPBELL, 1988) se avizinha. Essa atitude “boa o bastante” – intrínseca ao ato de compartilhar o conhecimento de uma forma que auxilie os liderados a se tornarem pesquisadores criativos, inovadores e competentes – assume um papel central no desenvolvimento da pesquisa e evoca a análise de Sá (2015):

O ensino da pesquisa na orientação acadêmica trabalha o conhecimento, intrinsecamente, nas dimensões explícita e tácita. A explícita é aquela em que o conhecimento encontra-se formalizado, em livros, revistas ou certificado por meio de títulos acadêmicos. A dimensão tácita é aquela que já encontra-se interligada à prática, à experiência no fazer alguma coisa, como por exemplo o conhecimento que o orientador passa nas conversas de supervisão (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). O decorrer da orientação é marcado pela troca de conhecimentos tácitos, embasados em conhecimentos explícitos e que irão culminar no conhecimento explícito dissertação ou tese. (Sá, 2015, p. 14)

O amadurecimento, uma percepção que sinaliza a volta “para casa” do pesquisador-narrador como o senhor dos dois mundos, é evidenciado no trecho a seguir:

Então chegou um ponto que... eu já tô na minha quarta geração, entendeu? Eu não vou fazer mais isso não... porque, na verdade, se eu fizer alguma intervenção [...] vai causar atrito entre as pessoas. Vão achar que eu estou querendo invadir a

orientação que ele tá dando pra outro aluno. [...] Então, o meu papel ficou muito mais esse de liderança, de buscar recursos, de escrever artigos e tal.

Nessas quatro gerações, visualiza-se que o narrador assumiu definitivamente o lugar do pai e transita entre os dois mundos, utilizando o “elixir” para ajudar a todos no “mundo comum”:

Então eu acho que o quê eu contribuo hoje para o grupo é ajudar na finalização para publicação dos artigos científicos, sabe? [...] Chama-se garimpagem dos dados gerados... tirar aquilo ali de uma forma coerente, consistente, transformar a história que foi construída em uma história apresentável... e é o papel que eu posso ter para contribuir para o grupo, sabe? Não estou mais à frente da liderança do dia-a-dia, da bancada; não estou mais à frente da liderança de reuniões internas e é isso. Eu acho que vai caminhar assim, é o caminho natural. Eu acho que a partir da próxima década a minha contribuição vai ficar igual dos pesquisadores seniores que tinham aqui, que ficavam, às vezes, mais como consultores. Alguém ia lá conversar um pouco, para saber disso, saber daquilo... Talvez não vou nem escrever tanto mais. Mas eu acho que é o caminho natural das coisas.

O pesquisador-narrador vislumbra, então, um futuro imaginário no qual ele assume em definitivo o lugar de mentor e se propõe a preparar as novas gerações; novos heróis-pesquisadores que terão que, cada um a sua maneira, assumir o seu lugar no mundo. O pesquisador-narrador parece movimentar-se segundo a proposição de Chauí (2002) em sua descrição das dialéticas ascendente e descendente. Dessa forma, o personagem, em sua ideação de futuro, sente-se impulsionado a executar o movimento inverso – após ter executado o movimento ascendente rumo às chaves para o entendimento do seu mundo e ao esforço para determinar qual é a essência do trabalho do pesquisador.

Ele deseja retornar à calma, exercendo, na condição de um mentor pleno (um auxiliar/conselheiro) o papel de disseminador do conhecimento tácito que adquiriu ao longo da sua carreira para os seus orientados. Executar, por assim dizer, um movimento descendente, reduzir toda a complexidade por ele apreendida em elementos simples que, gradualmente apresentados aos seus orientados, permitam-lhes evoluir, passo a passo, até a reconstrução, por si mesmos, do quadro complexo.

6. Considerações finais

Ao analisar – através da utilização da leitura que Campbell (1988) faz da jornada do herói como uma metáfora conceitual – a narrativa que o pesquisador/líder de um grupo de pesquisa de excelência faz da sua formação, trajetória e carreira, o presente estudo buscou ilustrar como essa representação, ao ser estruturada em seu imaginário como uma jornada mítica, teve um

duplo valor em sua experiência. Primeiramente, auxiliando-o na construção das bases que o tornaram reconhecido primeiro como pesquisador respeitável, depois como o líder e, ao longo desse processo, mentor desse grupo. Depois, auxiliando-o a converter esse grupo em um espaço de referência na produção de conhecimento dentro do seu campo específico de conhecimento.

Considera-se que, ao fazer isso, tenha ficado evidente o significativo papel de elementos do imaginário na composição de sentidos que orientam e parametrizam comportamentos e auxiliam na compreensão das forças que atuam no mundo em geral, e no universo acadêmico em particular. Ao considerar que a gestão inconsciente e fortuita desse processo permitiu alcançar esse sucesso, pode-se especular como uma ação mais coordenada poderia potencializá-lo. Acredita-se, ainda, que essa leitura tenha deixado vislumbrar indícios de que uma avaliação mais atenta dos indícios originados no imaginário e dos símbolos a ele inerentes nos relatos dos grupos de pesquisa possa abrir portas para uma melhor compreensão das intrincadas relações entre a história e o ciclo vital dos líderes desses grupos de pesquisa com os modos como se dá a capacitação de seus integrantes e a formação de novos pesquisadores envolvidos com a criação de conhecimento.

Finalmente, retomando a Figura 1 para discorrer sobre a influência da figura do líder de grupo estudado e das significações relacionadas a ele no processo infocomunicacional, pode-se afirmar que seu personagem não apenas detém a liderança acadêmica e intelectual no ambiente de pesquisa, mas, parafraseando o glossário do CNPq (2017, online), além da responsabilidade sobre a coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo, sua influência simbólica aglutina os esforços dos demais pesquisadores e, pela via do imaginário, aponta horizontes e estimula seus companheiros na busca por novas áreas para a inovação e criação de conhecimentos

7. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Eliane Pawlowski de Oliveira. (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte.

BACHELARD, Gaston. (1999). *A psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins fontes.

- BENJAMIN, Walter. (1994). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. (1997). *História de vida: trajetória de uma professora de educação física*. Motriz, Rio Claro, 3(2), p.108-15.
- BOURDIEU, Pierre. (1975). The specificity of the scientific field and social conditions of the progress of reason. *Social Science Information*, 14(6), p.19-47.
- BRANDÃO, Junito. (1999). *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPBELL, Joseph. (1988). *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CAMPBELL, Joseph. (2007). *Para viver os mitos*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CHAU, Marilena de Souza. (2002). *Introdução à história da filosofia*. 2.ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cia. das Letras, 4 v.
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso: 12 ago. 2017.
- DURAND, Gilbert. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURAND, Gilbert. (1986). O imaginário português e as aspirações do ocidente cavalheiresco. In: Gabinete de Estudos de Simbologia. *Cavalaria espiritual e conquista do mundo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FLICK, Uwe. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artemed.
- GAZZINELLI, Giovanni. (2003). Professor Zigman Brener. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 36 (1), p. 133-136.
- HUBERMAN, M. (1992). O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61.
- KNORR-CETINA, Karin. (1981). *The Manufacture Knowledge. An essay on the constructivist and contextual nature of science*. Oxford: Pergason Press, 189p.
- KRAHL, Mônica et al. (2009). Experiência dos acadêmicos de Enfermagem em um grupo de pesquisa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, p. 146-150.
- KUHN, Thomas S. (2013). *A estrutura das revoluções científicas*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 323 p.
- LAPASSADE, G. (1977). *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 310p.

- LEITE, Fernando César Lima (2006). *Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico: proposta de um modelo conceitual*. Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília.
- LYNCH, Michael. (1985). *Act and artifact in laboratory of science*. London: Routledge, 180p.
- MACULAN, Anne-Marie Delaunay; SOARES, Cláudio Furtado. (2000) Os pesquisadores e a transferência de conhecimento para a indústria. In: XXI Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 2000, São Paulo, SP. *Anais...* São Paulo: NPGT/USP.
- MELLO, Marco Aurélio Ribeiro de. (2017). *Sobrevivendo na ciência: um pequeno manual para a jornada do cientista*. Belo Horizonte: Edição do Autor. 384p.
- NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; ANDRADE, João Tadeu de. (2009). *Formação diferenciada: a produção de um grupo de pesquisa*. Fortaleza: Ed. UECE.
- OSINSKI, Marilei; ROMAN, Darlan; ERDMANN, Rolf Hermamm. (2015). Expectativas do pesquisador líder acerca do desempenho de grupos de pesquisa em Administração. *Unoesc & Ciência*, v. 6, p. 151-164.
- [PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e.](#) (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, (Introdução em português da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n.2).
- PROPP, Vladimir. (1992). *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega.
- QUEIROZ, Tatiana Pereira (2014). *O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a universidade federal de minas gerais e seus egressos por meio da informação*. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- REGO, Teresa Cristina. (2014). Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, v.19, n.58, p. 779-800.
- SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. (2015). *Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu*. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte. 159f.
- SANTOS, Geisa A. do Carmo. (2012). As narrativas e as trajetórias das histórias de vida dos educadores: olhares singulares e estruturantes da docência. *Cairu em Revista*, Salvador, 1(1), p.51-65.
- SAVIANI, Dermeval. (2002). O choque teórico da politecnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, 1 (1), p.131-152.
- STEWART, Thomas. (1998). *Capital intelectual*. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.
- TODOROV, Tzvetan. (1979). *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 205p.

VOGLER, Christopher. (2002). *El viaje del escritor*. Las estructuras míticas para escritores, guionistas, dramaturgos y novelistas. Barcelona: Ma Non Troppo (Ediciones Robin Book).